

SANDRA CINTO: a reafirmação do enigma da arte

Miguel Chaia

Professor da PUC-SP e pesquisador do Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política – NEAMP.

As pinturas-desenhos de Sandra Cinto possuem uma perspectiva situada na beira de um penhasco, deixando ao nosso olhar insondáveis cenários. A artista constrói espaços para o mergulho e neles tece amarrações de linhas, traços e imagens que expressam a imensidão do mundo. Cada obra é uma representação parcial de uma totalidade maior, composta por figurações e abstrações, por formas orgânicas ou geométricas que guardam o mistério a ser serenamente enfrentado. Em seus trabalhos, Sandra Cinto nos oferece pistas daquilo que mais se aproxima da idéia de infinito.

Entretanto, a dimensão sublime que atravessa a obra dessa artista esconde tensões que imprimem potência e movimento ao seu fazer artístico que, por sua vez, pede para ser desvendado. De imediato, pode-se perceber que Sandra desenvolve uma linguagem que transita entre pintura-desenho-objeto-fotografia-instalação e vice-versa, esgarçando as fronteiras entre tais suportes, mantendo articulações próprias entre signos plásticos e pesquisando a diversidade de mídias para exprimir uma coerente poética.

Além do mais, uma análise do conjunto dos seus trabalhos deixa entrever que eles estruturam-se pela presença simultânea de tempos, isto é, neles coexistem noite e dia. Mesmo nas paisagens noturnas a radiação brilhante das

formas é dada pela luz solar; e as obras claras, diurnas, abrem-se à luminosidade lunar. Sandra Cinto trata a quebra da lógica do real, mesma questão presente em René Magritte, captando no mesmo instante a sobreposição do dia e da noite.

Assim, planos coloridos pelas cores verde, azul, cinza ou preto engendram um amplo espaço de continuidade permanente, porém organizando construções engenhosas e delicadas, em decorrência de traçados prateados ou brancos e, também, em virtude da lógica poética da artista que busca dar um sentido ao mundo – seja ele o reino da subjetividade ou o macrocosmo. A artista quer tratar da materialidade utilizando-se de múltiplos focos de luzes. Entram num embate a estruturação geométrica e as formas básicas estelares, permitindo que o silencioso campo de cor se movimente pelas expansões e multiplicações das formas luminosas.

Sandra Cinto perscruta o cosmo que, de maneira diferenciada, é dimensão que encontra lugar nas pinturas de Tomie Ohtake, ao elaborar espaços curvos presentes no universo.

Com tais recursos, Sandra Cinto faz flutuar construções visuais que ficam pairando no ar à disposição de nosso olhar. Manuseando efeitos de distanciamento e aproximação, a artista elabora particulares relações entre as imagens que permitem traçar um paralelo da sua obra e a música. Se os seus primeiros trabalhos eram equivalentes à música de câmara, gradativamente, no avanço de sua trajetória, Sandra Cinto vem produzindo com explícito caráter sinfônico, talvez também por causa de seu desejo de ampliar as fronteiras e suas experiências com instalações. Ver uma obra de Sandra Cinto não deixa de ser um experimento vinculado a musicalidades visuais.

Sandra Cinto, embora num tratamento diferente, aproxima-se de Alberto da Veiga Guignard e de Roberto Matta, autores de paisagens elaboradas em camadas, abertas em grande panorâmica, seja representando as nevoadas montanhas de Minas Gerais, no caso do brasileiro, ou das oceânicas vistas habitadas por linhas de energia e por formas abstratas e surreais, no caso do chileno.

A seqüência de tensões e deslocamentos pode ainda ser percebida ao se considerar o uso da fotografia pela artista, como meio que recorta a realidade ou expõe a memória. Dessa forma, incluindo tal suporte na feitura de algumas obras, Sandra Cinto coloca para conviver simultaneamente o real e o imaginário, incluindo aí, num mesmo fluxo estético, registros de história e descrições de utopia.

Se, de um lado, parte de seus trabalhos expressa atemporalidade; de outro, quando a artista utiliza-se da fotografia ou da imagem de objetos verificáveis na vida cotidiana, o tempo em suspensão passa a conviver com a temporalidade da vida.

O estado de beleza criado por Sandra Cinto camufla o enigma da arte que seus trabalhos carregam, baseando-se numa série de ambigüidades, deslocamentos e tensões. Ao mesmo tempo, sua obra oferece representações de aparente quietude e harmonia, quando Sandra discute a fronteira entre a representação do real e a da ficção visual; quando questiona a relação entre a unidade como padrão de repetição e a totalidade como dimensão inapreensível; quando procura aproximar acontecimentos corriqueiros à abrangência do absoluto; e, ainda, quando efetivamente a artista busca outras possibilidades para estabelecer ligações, as mais diversas, nos campos da vida e da arte, mostrando suas metáforas construídas pelas imagens de lâmpadas acesas, focos de luzes, escadas ou pontes.

Novembro de 2008

